

AFONSO DO PAÇO e MARIA DE LOURDES COSTA ARTHUR

CASTRO
DE
VILA NOVA DE S. PEDRO

III—PERFIS DE BORDOS DE VASOS
NÃO ORNAMENTADOS

COIMBRA
1952

SEP/ Paço

AFONSO DO PAÇO
MARIA DE LOURDES COSTA ARTHUR

Castro de Vila Nova de S. Pedro

III — Perfis de bordos de vasos não ornamentados



Separata de O INSTITUTO, vol. 115.º

Tip. da Coimbra Editora, Limitada
COIMBRA

COIMBRA
1952

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
BIBLIOTECA
N.º 2014/1723
DATA 17-12-2014

2/2

Ao Prof. V. Gordon Childe

A presente nota, que serve para dar conhecimento de alguns perfis de bordos de vasos não decorados do castro de Vila Nova de S. Pedro, é ao mesmo tempo uma satisfação ao nosso mestre e amigo Prof. V. Gordon Childe, ilustre catedrático da Universidade de Londres e director do Instituto de Arqueologia da mesma cidade que, no seu trabalho *Algumas analogias das cerâmicas pré-históricas britânicas com as portuguesas*, diz dos arqueólogos lusitanos: «Os nossos colegas portugueses, dispondo de um material abundante e de uma cerâmica muito bem ornamentada, não tem prestado a mesma atenção que nós dispensamos aos mínimos detalhes dos bordos de vasos nem tão pouco costumam publicá-los nos seus trabalhos» (1).

A razão fundamental do descuido que se nos atribui é, a nosso ver, o facto de os arqueólogos ingleses, lidando com uma cerâmica menos rica em decoração, se terem lançado, à falta de outros elementos, no estudo dos perfis de bordos. Nós, pelo contrário, possuidores de uma espantosa diversidade de desenhos, preocupamo-nos mais com estes.

Pela parte que nos toca, e Childe confessa-o, na publicação que um de nós subscreveu com Maxime Vaultier da estação eneolítica do Estoril, não os esquecemos (2).

Porém noutros trabalhos, mau grado nosso, não o fize-

(1) *Revista de Guimarães*, vol. LX, Guimarães, 1950.

(2) Afonso do Paço e Maxime Vaultier: *Estação eneolítica do Estoril*, Porto, 1943 (Tomo VIII das publicações do Congresso Luso-Espanhol), pág. 118.

mos, é certo, se bem que nos apontamentos de campo haja deles muitos desenhos, nomeadamente do castro de Vila Nova de S. Pedro e citânia de Sanfins.

É que ao gisar um estudo, temos de limitar o número de gravuras, por uma questão de economia própria e para atender ao equilíbrio financeiro das revistas amigas que gentilmente nos facultam as suas páginas e pedem para reduzir ao mínimo as ilustrações. E de entre os muito sacrificados, os bordos de vasos tem sido uns deles.

Não desconhecemos o valor que a cerâmica representa no meio do espólio arqueológico dos nossos antepassados, e bem pena temos de a não poder estudar em toda a sua extensão: constituição de pastas, desengordurantes, cozedura, busca de materiais e comércio que porventura ocasionasse, isto é, procurando elementos que nos permitam utilizar com mais segurança este frágil arrimo (1).

* * *

Os perfis de bordos que hoje apresentamos são provenientes das campanhas de escavações realizadas dentro do morro central do mencionado castro nos anos de 1948, 1949, 1950 e 1951, em zona que os pesquisadores de tesouros revolveram, mas que os trabalhos agrícolas tinham poupado. Ficaram portanto os objectos, posto que remexidos, dentro do recinto em que se encontravam.

A campanha de 1948 teve lugar a leste bem como a de 1949, a de 1950 a norte e a de 1951 numa extensão quase linear em frente das duas primeiras, isto é, do lado ocidental. Fig. 1. Só numa pequena parte desta é que encontramos local que não fora remexido e nos permitiu identificar ligei-

(1) Sobre tal assunto será interessante consultar o trabalho de Jean Arnal e Guy Benazet: *Contribution à l'étude de la poterie néolithique*, «Bulletin de la Société Préhistorique Française, Tome XLVIII, n.ºs 11-12, Paris, 1951.

geiras faixas de estratigrafia com várias soluções de continuidade (1).

A primeira, A, tinha a extensão de 5^m, a segunda, B, a de 2^m,75 e a terceira, C, a de 3^m,60. Fig. 2. As espes-

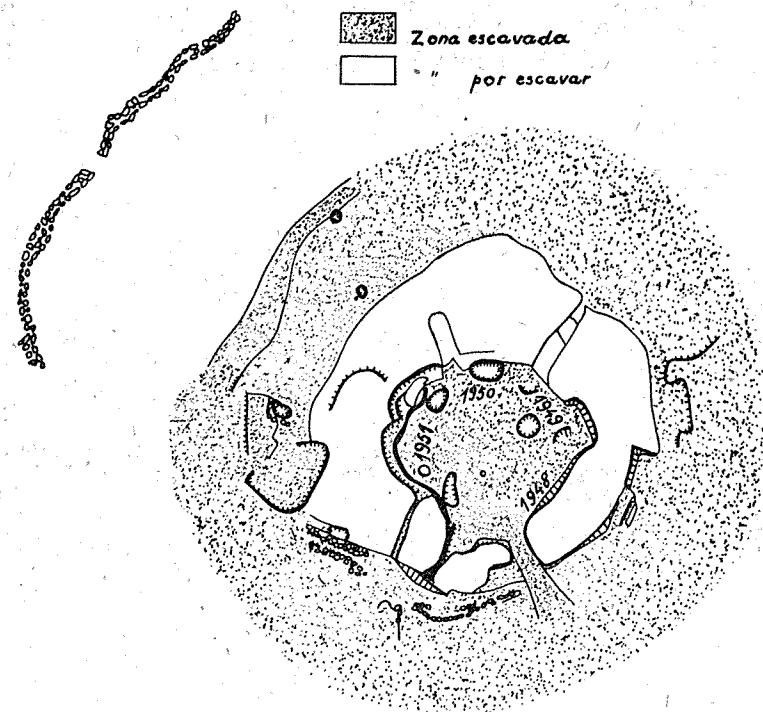


Fig. 1

Planta do Castro de Vila Nova de S. Pedro

suras que apresentam também são muito variáveis conforme se pode ver pelo que vai indicado em a, b e c, da mesma figura.

(1) Afonso do Paço e Maria de Lourdes Costa Arthur: *Castro de Vila Nova de S. Pedro. I—15.ª campanha de escavações (1951)*. «Brotéria», vol. LIV, Lisboa, 1952.]

A campanha de 1950, realizada numa zona de maior altura de terras, permitiu que se fizessem cinco cortes horizontais marcados de I a V, com a particularidade de os bordos das camadas superiores, bastante remexidas, estarem mais fragmentados que os das inferiores.

Por sua vez a de 1951, teve lugar numa zona pouco rica em cerâmica, pelo que apresenta menor diversidade de formas. Contudo, as referidas manchas estratigráficas valorizaram-na muitíssimo em relação às escavações dos anos anteriores.

Lançando uma vista de olhos pelas figs. 3, 4, 5 e 6, isto é, pelos desenhos de bordos de vasos das campanhas de 1948, 1949, 1950 e 1951, verificamos que fundamentalmente os perfis se reduzem a poucos tipos, havendo apenas maior ou menor variedade dentro de cada um, conforme o gosto do artista. É que trabalhando-se certamente sem sujeição a moldes, o mesmo obreiro não produziria dois objectos perfeitamente iguais.

Os mais vulgares são os de linhas rectas ou ligeiramente curvas, conforme o tipo de vasilha, terminando superiormente em forma arredondada ou um tudo nada rectangular. Fig. 6, n.º 1-4 e 10.

Dos perfis recurvados ou reforçados, apresentamos um maior número de desenhos; não para comprovar diversidade de formas, mas principalmente para se poder constatar que, como dissemos, os tipos fundamentais tomam diferentes modalidades conforme o artista que os manufacturou.

O engrossamento ou curvatura da parte terminal do bordo é sempre obtido, conforme observa Childe na obra acima referida, à custa da compressão do mesmo e nunca por aposição de um filete de argila.

Pela nossa parte, este último processo, apenas o encontramos mais tarde, nas cerâmicas da citânia de Sanfins.

A pasta de barro usada em Vila Nova de S. Pedro é, já Childe o referiu, na maioria dos casos muito grosseira e semelhante às britânicas do seu tempo. Abundam nela,

como desengordurante, grãos de quartzo de diversos calibres nos recipientes de tipo médio, ou então calcite triturada nos de maior capacidade.

Ao lado destas pastas grosseiras há outras de tipo fino, bem peneiradas, homogêneas e desprovidas de todas as

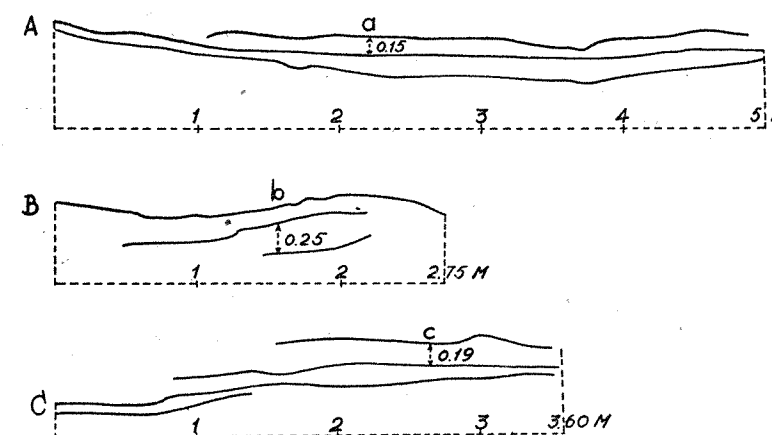


Fig. 2

Extensão e espessura das camadas estratigráficas

impurezas. São as empregadas no fabrico da maior parte das placas de barro, nos cadinhos de fundição, nos vasos campaniformes, nos tubos de forja e em muitos dos pequenos utensílios. Pertencem ainda a este grupo as pastas dos recipientes de grandes dimensões a que se adicionou, como dissemos, calcite triturada.

Pelo que respeita a tipos de vasilha, predominam os semi-esféricos, ou então os de paredes verticais terminando inferiormente por uma forma arredondada. Os próprios pratos são ligeiramente curvos.

Fazem excepção a esta regra, dentro do conjunto recolhido, como noutra trabalho se disse, os de tipo calici-

forme ou copo, com um perfil lateral de curva ligeiramente reentrante e fundo um tanto abaulado (1).

Tal configuração dá a estes recipientes, à primeira vista, um tipo argárico, mas o facto de se terem encontrado em camadas desprovidas de utensilagem metálica ou ceramográfica que francamente se possa atribuir aquela época, não lhes permite tal classificação.

Childe observou ainda que a maioria dos vasos de Vila Nova de S. Pedro, do mesmo modo que os seus congéneres britânicos, «foram recobertos de um engobo de argila bem depurada» que lhes permite apresentar uma superfície sem rugosidades.

Tal engobo, que nalguns campaniformes por motivo de adição de substâncias corantes lhes dá um vermelho bastante intenso, ao ser aplicado pelo artista pré-histórico, encobriria muitas vezes sementes que estavam misturadas na pasta ou a ela aderiram por ocasião do fabrico.

Com o uso e a perda da camada envolvente, aquelas caíram e veio até nós uma cavidade deixada pelo elemento que se pulverizou (2).

A primeira vez que vimos tais factos foi no Museu de Copenhagen em 1936.

Em Vila Nova de S. Pedro encontramos bastantes fragmentos cerâmicos com vestígios da existência de grãos que se perderam.

E já que falamos de sementes, seja-nos lícito manifestar o nosso desgosto por ver que no recente e notável trabalho do Prof. da Universidade de Cambridge, J. G. D. Clark, *Prehistoric Europe-The Economic Basis* (3), não há referências aos seus achados em estações portuguesas, ape-

(1) I — 15.ª campanha de escavações...

(2) É preciso ter em atenção que tal cavidade também pode ser proveniente de um grão de quartzo de maiores dimensões que caiu, coisa fácil de reconhecer pela configuração que apresenta.

(3) Londres, 1952.

sar de em estudos bastante anteriores ao aparecimento do volume se ter dado notícia delas (1).

A única alusão que há a sementes pré-históricas lusitanas é justamente para se pôr em dúvida o que nalguns autores vem referido.

Assim, o Prof. Childe, no seu volume *The Dawn of European Civilization*, diz-nos que «millet grains», grãos de milho painço, foram encontrados em Portugal (2), mas Clark põe em dúvida a informação do catedrático londrino, dizendo que deve ser filha de uma «má leitura» (3).

Seja nos permitido esclarecer que José de Pinho, onde Childe se baseou, no seu trabalho apresentado ao Congresso de Arqueologia reunido em Coimbra-Porto em 1930, *Sur des graines trouvées dans la station néolithique de Pepim-Amarante*, fala-nos «d'un endroit où l'on a trouvé du panicum (*Setaria Italica*. P. B.) en abondance» (4).

(1) M. Vieira Natividade: *As grutas de Alcobaça*, «Portugália», tomo I, pág. 456.

— I. Marques da Costa: *Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal*, «O Archeologo Português», vol. VIII, pág. 271.

— F. Alves Pereira: *Estação archeológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*, «O Archeologo Português», vol. XIX, pág. 142.

— Afonso do Paço e Eugénio Jalhay: *A povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro*, «Brotéria», vol. XXXIV, Lisboa 1942. Idem, vol. XXXVII, Lisboa 1943.

— Eugénio Jalhay y Afonso do Paço: *El castro de Vilanova de San Pedro*, «Actas y memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria». Tomo XX, Madrid 1945.

— Eugénio Jalhay: *Una fase interesante del Bronce inicial portugués*, «Ampurias», vol. IX-X, Barcelona 1948.

(2) 4.ª edição, Londres 1947, pág. 218.

(3) Pág. 109.

(4) Actas do XVº Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique — IVª Session de l'Institut International d'Anthropologie, Paris 1931, pág. 356.

Ao Prof. Clark, a quem prestamos homenagem do nosso maior apreço, daremos de bom grado todos os esclarecimentos referentes



Fig. 3

Perfis de bordos de vasos não ornamentados da campanha de 1948

a Portugal, se assim for do desejo de S. Ex.^a, quando publicar nova edição do notável trabalho.



Fig. 4

Perfis da campanha de 1949

Pelo que respeita à estação de Vila Nova de S. Pedro encontraram-se sementes de fava (*Vicia Faba* Lin.), trigo (*Triticum sphaerococcum* Perc.), cevada (*Hordeum* sp. var.), linho (*Linum usitatissimum* L.) e bolotas (*Quercus* sp.), cujas classificações se devem ao ilustre cientista e engenheiro agrônomo da Estação Agronómica Nacional, A. R. Pinto da Silva.

* * *

Comparando os bordos de vasos da estação eneolítica do Estoril (1) com os do castro de Vila Nova de S. Pedro, logo notamos que não há entre eles grandes diferenças, o que nos levará a afirmar que as nossas cerâmicas das penínsulas de Lisboa e Setúbal, durante o chamado Bronze Mediterrâneo I ou Bronze I, não apresentam divergências de maior que não sejam as resultantes de os artistas trabalharem sem sujeição a moldes, antes levados pelo jeito de cada um.

Se finalmente relacionarmos uns e outros com os que Childe nos dá das cerâmicas britânicas da mesma época (2), também seremos levados a admitir, com este Professor, que tal «maneira de modelar o bordo das vasilhas parece, por um lado, constituir uma peculiaridade comum às Ilhas Britânicas, e, por outro, pertencer ao estuário do Tejo» (3), sem que se tenham encontrado até hoje rastros de uma técnica idêntica na Bretanha, na França meridional ou oriente de Espanha.

Tais semelhanças fizeram surgir outros problemas, como o de possíveis influências do «Vale do Tejo» nas cerâmicas inglesas, problema esboçado há alguns anos a esta parte e que para o seu estudo exige uma estreita colaboração entre pré-historiadores das duas nacionalidades.

(1) Estação eneolítica do Estoril, fig. 5.

(2) Algumas analogias das cerâmicas..., fig. 2.

(3) Algumas analogias das cerâmicas...

Os nossos amigos ingleses, pela sua parte, não o tem descurado e nos últimos anos bastantes dos seus arqueólogos

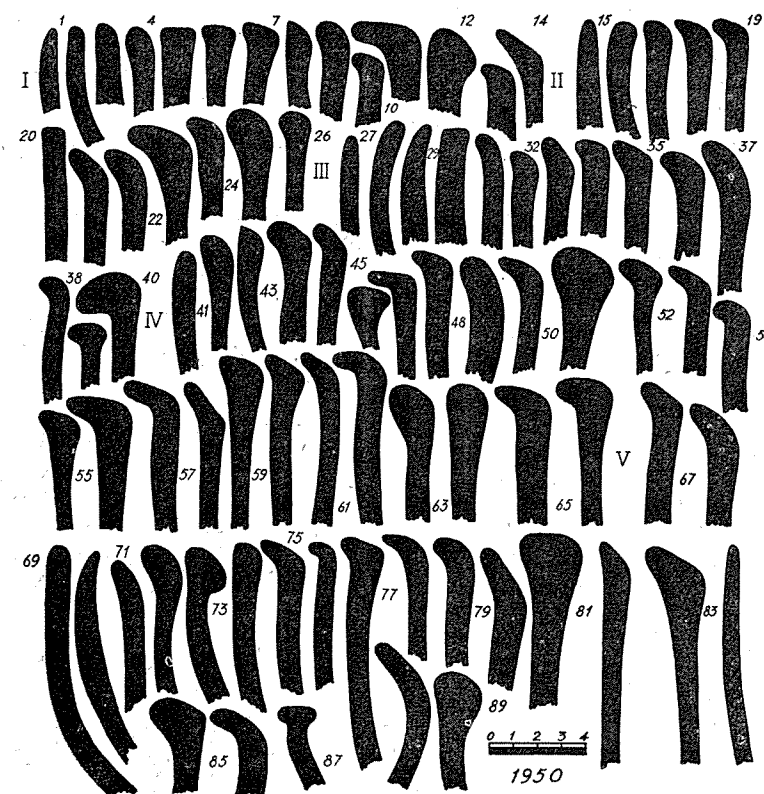


Fig. 5.

Perfis da campanha de 1950

tem procurado estudar o nosso Bronze I, como Childe, Savory, Piggott, Mac-White, Jaqueta Hawkes, J. Evans, Margaret Smith etc., professores uns e alunos outros, dos mais categorizados, das Universidades de Edimburgo, Oxford, Londres e Cambridge.

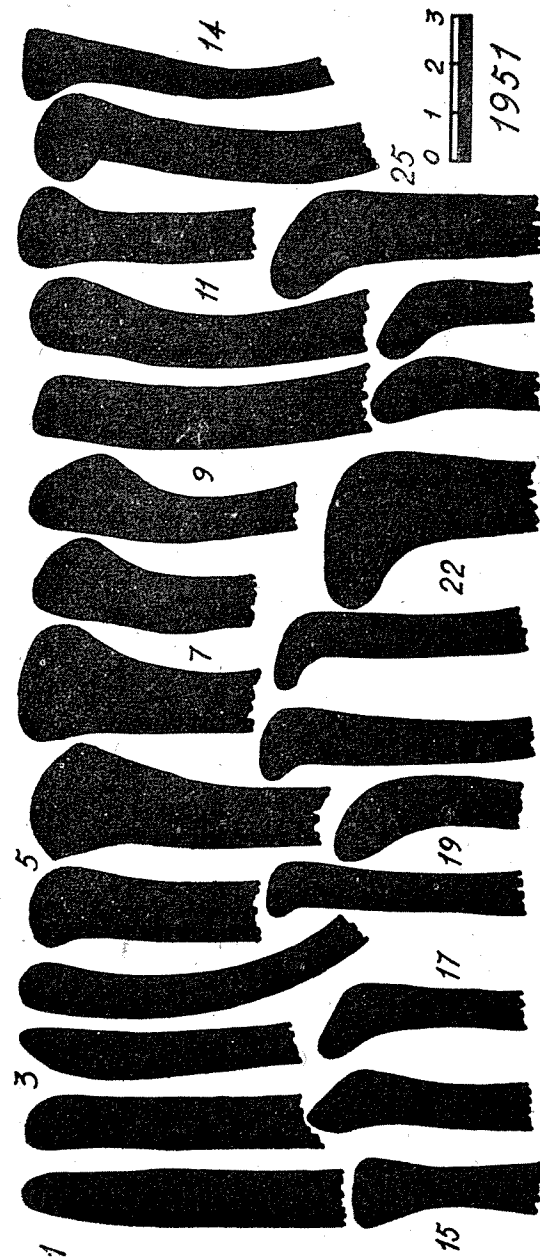


Fig. 6

Perfis da campanha de 1951

Pelo que respeita ao nosso país, afora uma ou outra iniciativa particular, o caso não tem merecido igual atenção ⁽¹⁾.

Para se fazer ideia do interesse que o nosso castro apresenta para a resolução de tais problemas de influências, permitimo-nos transcrever o seguinte passo de Childe: «Seria necessário, por exemplo, admitir uma ocupação prolongada em Vila Nova de S. Pedro, e considerar o período eneolítico português com uma extensa duração, visto que, em consequência de uma tal afirmativa, teríamos de sincronizar o período neolítico da Grã-Bretanha com uma parte do período de ocupação daquela estação pré-histórica portuguesa...» ⁽²⁾

* * *

Antes de terminar não deixaremos de fazer apelo aos diferentes departamentos do Estado, para que preparem cientistas capazes de em íntima colaboração com os pré-historiadores, aproveitarem numa escavação arqueológica, todos os elementos que cada um, dentro da sua especialidade, possa obter, para estudo das populações que nos precederam. É que a arqueologia não dispensa, nos tempos de hoje, o concurso de variadas ciências.

Pela parte que nos toca, grato nos é confessar, às portas que temos batido, sempre encontramos cientistas que, com a melhor das boas vontades e entusiasmo mesmo, tem pro-

(1) Seja-nos lícito destacar a Sociedade Martins Sarmento, na pessoa do seu presidente, Ex.^{mo} Coronel Mário Cardoso, que tem levado alguns arqueólogos ingleses a discutir o problema nas páginas da *Revista de Guimarães*.

(2) *Algumas analogias das cerâmicas...*

cedido aos estudos pedidos e se mais longe não vão nas suas pesquisas é por causa das limitações impostas por motivos estranhos às nossas vontades, obrigando impiedosamente a reduzir a um pequeno relatório, um mundo de estudos que se poderiam fazer com as possibilidades da técnica dos nossos dias (1).

Lisboa, Abril de 1952.

(1) Desenhos do Ex.^{mo} Sr. Dr. Mário de Sá, a quem apresentamos os nossos agradecimentos.

As escavações do castro de Vila Nova de S. Pedro são subsidiadas pelo Ministério das Obras Públicas — Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.